



Um estudo sobre a vitalidade linguística do hebraico e do yiddish na comunidade judaica de São Paulo

Palavras-Chave: VITALIDADE LINGUÍSTICA, COMUNIDADE JUDAICA, ETNOGRAFIA

Autores/as:

BIANCA VASCONCELLOS KRAUZE SILVA, IEL, UNICAMP

Prof.^(a) Dr.^(a) LIVIA OUSHIRO, IEL, UNICAMP

INTRODUÇÃO

A vitalidade linguística (SAVEDRA, 2021) é medida pelo uso de uma língua como um meio de comunicação em variados contextos sociais para fins específicos.

Segundo Eberhard (2013), alguns fatores que influenciam a manutenção linguística são o número total de falantes, os domínios de uso da língua, a transmissão da língua entre gerações e a existência de materiais direcionados para alfabetização e educação das novas gerações.

A escolha por pesquisar a questão da perda linguística dentro da comunidade se deu devido a percepção prévia em relação à utilização pontual do hebraico e utilização rara do yiddish por jovens adultos. Essa baixa utilização ou desconhecimento do yiddish por jovens adultos, a maioria netos ou bisnetos de judeus imigrantes, aponta para uma perda

linguística dentro dos membros da sinagoga observada.

O objetivo principal desta pesquisa é verificar se ocorreu ou não o *language shift* (GRENOBLE, 2021) em relação ao hebraico e ao yiddish na comunidade judaica de São Paulo. Em caso positivo, o objetivo secundário é compreender como ele ocorreu e em qual geração ele ocorreu, compreendendo quais os domínios (FISHMAN, 1965) em que o hebraico e o yiddish são falados ou não.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica escolhida é a etnografia, que permite o deslocamento cultural da pesquisadora para a inserção na comunidade (ECKERT e ROCHA, 2008), possibilitando uma investigação mais estreita sobre as formas de sociabilidade da comunidade.

No total foram realizadas quatro incursões etnográficas em espaços que a comunidade judaica ocupa: o Museu

Judaico (Setembro de 2022 e Março de 2023), o restaurante Shoshana Delishop (Outubro de 2022), o Círculo de Reflexão sobre Judaísmo Contemporâneo na Casa do Povo (Fevereiro de 2023) e a Biblioteca da Casa do Povo (Março de 2023).

Essa metodologia proporcionou a construção do roteiro de entrevista para que os participantes pudessem fornecer não só respostas à questão mais geral, mas também pudessem proporcionar anotações descritivas mais precisas das interações sociais em comunidade. Observações diretas, conversas formais e informais foram realizadas em paralelo com as entrevistas. As variáveis “conversão” e “bairro” previstas no projeto foram descartadas após as duas primeiras incursões etnográficas, pois a primeira era um assunto considerado sensível e a segunda mostrou-se sem correlação com os objetivos principais da pesquisa.

O questionário e a entrevista foram baseados no roteiro de Hoffman e Walker (2010) sendo as perguntas traduzidas para o português e adaptadas para a comunidade judaica. Também foi utilizado o roteiro do Projeto SP2010 (Mendes e Oushiro, 2012) para direcionar os procedimentos da coleta, desde o primeiro contato com o participante até a sistematização dos arquivos (Ficha do Participante, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Gravação e Transcrição).

O questionário tem 25 perguntas divididas em duas seções: Identificação Étnica (sete perguntas) e Línguas (18 perguntas). A entrevista tem três seções: Cultura Judaica (14 perguntas), Herança Cultural (23 perguntas) e Discriminação (8 perguntas).

As entrevistas foram realizadas de forma presencial e por meio do Google Meet. As gravações pelo Google Meet foram separadas em áudio e imagem por meio do uso do programa Audacity (2021).

Os dados foram organizados em duas planilhas que correspondem às perguntas fechadas, com escala Likert por exemplo, e perguntas abertas, as quais o entrevistado pode comentar sem uma grade fixa de resposta. O programa ELAN (Max Planck Institute, 2023) foi utilizado para auxiliar as transcrições dos áudios e detalhar as informações da planilha de perguntas abertas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao total, 27 entrevistas com cerca de sessenta minutos foram gravadas. A amostra foi estratificada em sexo (F para Feminino e M para Masculino) e geração (1^a, 2^a, 3^a e 4^a).

	F	M
1ª		MatheusL
2ª	OjaB	AbelB
	RebecaR	SergioN
	AylaP	DiogoD
	ElenaN	SandroF
3ª		CarlosZ
	CamilaB	AnikoR
	FreigaE	RogérioB
	BrendaB	ErnaniH
	LilithS	RogérioB
	LailaB	JonasT
	LuanaD	
	FabiolaT	
	RosanaS	
	CarlaB	
4ª	MarkaZ	DanielB

Tabela 1 - Amostra estratificada - JSP2023

A amostra foi estratificada (Tabela 1) com uma distribuição bem equilibrada por sexo, com 12 homens e 15 mulheres, enquanto por geração, a amostra apresenta apenas um membro de primeira geração, oito de segunda geração, 15 de terceira geração e dois de quarta geração.

O português mostrou-se a língua predominantemente utilizada pelos falantes com a família e amigos. Na pergunta 16 da seção de *Línguas* (“Quão importante é para você poder falar hebraico/yiddish com a sua família?”), 10 responderam “nada importante”, sete responderam “pouco importante”, três responderam “mais ou menos importante” e sete responderam “muito importante”.

Na pergunta 20 da seção de *Línguas* (“Qual língua sua família fala quando vocês estão em família?”), 22 pessoas responderam “português”, duas pessoas responderam “português e francês”, 1 pessoa respondeu “português e espanhol”, 1 pessoa respondeu “português e inglês” e 1 pessoa respondeu “inglês”.

A resposta “inglês” veio de MatheusL, falante de primeira geração, cuja faixa etária está entre 80 e 90 anos e que possui boa parte da família no exterior. A resposta “português e espanhol” veio de FabiolaT, falante de terceira geração, que é casada com um hispanofalante. A resposta “português e inglês” veio de MarkaZ, falante de quarta geração, que possui dois falantes de inglês no núcleo familiar próximo (pai e irmão) e parentes nos Estados Unidos. Dois falantes responderam “português e francês”: ErnaniH, falante de terceira geração, e DiogoD, falante de segunda geração. Em sua resposta, ErnaniH comentou que “depende da geração. Da geração da minha mãe e dos meus tios, é o francês”. Nas dos meus primos, já é português”, enquanto DiogoD tem pais vivos que migraram do Egito para o Brasil e que são falantes de francês.

Na pergunta 18 da seção de *Línguas* (“Quão importante é para você falar hebraico e/ou yiddish com os seus amigos”), oito falantes responderam “nada importante”, 11 responderam “pouco

importante”, seis responderam “mais ou menos importante”, dois respondeu “muito importante”.

Considerando uma escala Likert de cinco pontos, de “muito importante” a “nada importante”, pode-se concluir que em nível de importância na pergunta 16, cerca de 17 dos falantes concentram-se no polo negativo de importância versus 10 falantes no polo positivo de importância. Na pergunta 18 da seção de *Línguas*, 19 dos falantes concentram-se no polo negativo e oito dos falantes concentram-se no polo positivo.

Esses resultados apontam para que o hebraico e o yiddish não devem ser estimulados em domínios privados (família e amigos). Considerando a sinagoga, um domínio público, os números mudam de cenário. Na pergunta 19 da seção de *Línguas* (“Quão importante é para você poder falar hebraico/yiddish na sua sinagoga?”, 6 dos 27 participantes disseram que não frequentam a sinagoga. Dos 21 falantes que frequentam, 10 responderam que é “muito importante” falar hebraico na sinagoga (“yiddish não”), três responderam que “mais ou menos importante”, quatro responderam “pouco importante” e três responderam “nada importante”. Uma das participantes que frequenta não respondeu a pergunta.

Na análise qualitativa, foi constatado que o hebraico é considerado uma língua

conectada com o judaísmo institucionalizado e com a identificação com Israel, enquanto o yiddish é uma língua relacionada aos afetos e à memória do povo judeu e das famílias de origem askenazita, as quais são provenientes de países da Europa Oriental. Os membros da comunidade judaica que têm origem sefaradita (provenientes da Península Ibérica) têm como língua de herança (Fishman, 2001 apud Keheller, 2010) o ladino, uma língua que mistura o hebraico com a língua da região, como português, o castelhano e o catalão.

Em relação ao hebraico, alguns comentários destacaram-se na análise qualitativa. Complementando a resposta da pergunta 19, ElenaN respondeu “eu não falo hebraico na minha sinagoga a não ser rezando né... se é importante na família é importante na sinagoga, porque a gente reza em hebraico, a gente não reza em português.”; DiogoD comentou “se considerar que rezar é igual a falar, então sim, é muito importante” e RebecaR conta que “o hebraico dentro da sinagoga eu acho importante aprender, estudar, eu ensino hebraico, eu acho importante ensinar o hebraico, mas porque tem uma ligação como língua sagrada para acesso ao texto sagrado de ritual. Para falar o hebraico, para socializar, se entender, conversar: zero importante.”

Em relação ao yiddish, os comentários foram correlacionados com piadas, xingamentos e expressões do cotidiano. Quando perguntada “Qual língua você fala quando está bravo ou irritado” (seção Línguas, pergunta 23), CamilaB (terceira geração) comenta que usa o “português com uns xingamentos em yiddish no meio”, SergioN (segunda geração) disse que “para xingar em yiddish, a pessoa precisa saber yiddish” e ErnaniH (terceira geração) falou que usa o “português, às vezes com um tempero em yiddish”.

Os resultados apontam para a ocorrência do language shift de ambas línguas para o português brasileiro já a partir da primeira geração. Os 27 participantes possuíam conhecimento, mesmo que instrumental, do hebraico, enquanto o yiddish tem sua transmissão designada no familiar, sendo uma “língua de herança”, uma vez que apenas dez dos 27 participantes disseram que possuem algum conhecimento lexical do yiddish. Desses dez participantes, apenas cinco afirmaram também que falam a língua, em diferentes níveis de proficiência, sendo eles quatro homens (um de primeira geração, dois de segunda geração, e um de quarta geração) e uma mulher (terceira geração).

BIBLIOGRAFIA

Audacity Team. Audacity(R): Free Audio. Editor and Recorder [Computer application],

2021. Versão 3.0.0 Disponível em: <https://audacityteam.org/>.

Eberhard, D. “Em defesa das línguas minoritárias”. Em: Associação Internacional de Linguística, 2013. Disponível em: <https://www.silbrazil.org/resources/archives/76953>. Acessado: 03 de julho de 2023.

Eckert, C.; Rocha, A. L. C. “Etnografia: Saberes e Práticas. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. DOI: 10.22456/1984-1191.9301.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>. Acesso em: 23 de março. 2023.

Fishman, J.A. “Who speaks what language to whom and when?”. La Linguistique, Paris, v.1, p.67-88,1965. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/30248773>.

Acesso em 15 de julho de 2022.

Grenoble, L.A. “Language shift”. Oxford Research Encyclopedia, 2021. DOI: 10.1093/acrefore/9780199384655.013.347.

Hoffman, M.; Walker, J. “Ethnolects and the city: Ethnic orientation and linguistic variation in Toronto English. Language Variation and Change.”v. 22. p.37 - 67, 2010. DOI: 10.1017/S0954394509990238.

Keheller, A. “What is a heritage language”. Heritage Briefs. Center for Applied Linguistics, 2010, p.1-3.

Savedra, M. M. G et al. “Estudos em sociolinguística de contato no Brasil”. Em: Cadernos de Linguística 2.1, e315–e315,2021.

Max Planck Institute for Psycholinguistics. “ELAN Linguistic Annotator”. The Language Archive. Versão 6.5. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. (2023)

Mendes, R e Oushiro, L. “O paulistano no mapa sociolinguístico”. Revista Alfa, São Paulo, 56 (3): p.973-1001, 2012.